

## ECOS CANIBAIS: EDUCAÇÃO ANTROPOFÁGICA E PRODUÇÃO DA DIFERENÇA

Gilcilene Dias da Costa<sup>1</sup>  
costagilcilene@gmail.com

**Resumo:** No presente texto, a antropofagia constitui a ideia motivadora e o componente desejante por *outra* educação. Ela é a teia devoradora na qual se tecem modos de viver e pensar a educação como *diferença* ou desejo de criação do *novo*. Embebido nas fontes impuras do canibalismo primitivo com ecos na produção artístico-literária do modernismo brasileiro, e tendo como interlocutores, Nietzsche, Artaud, Deleuze, Oswald entre outros malditos, o texto problematiza a educação do presente frente à morbidez das formas de ensinar e aprender pautadas na *mimesis* dos modelos de importação de conhecimentos apáticos e sem vida. Instaure, de modo propositivo, uma *educação antropofágica*, ícone da rebeldia do pensamento em seu encontro com o fora: *outra* cultura, *outra* educação.

**Palavras-chave:** Antropofagia. Desejo. Diferença. Educação. Criação

**Abstract:** In this text, anthropophagy is the motivating idea desiring and component by *another* education. It is the voracious web in which it is woven the ways of living and thinking education as a *difference* or desire to create something *new*. Steeped in impure sources of early cannibalism with echoes in the artistic and literary production of Brazilian modernism, and having as interlocutors Nietzsche, Artaud, Deleuze, Oswald, and others cursed, the text discusses the education at this time, facing the morbid ways of teaching and learning based on the *mimesis* of importation models of apathetic and lifeless knowledge. Introducing, purposefully, an *anthropophagic education* which is an icon of rebellion of thought in its encounter with the outside: *another* culture, *another* education.

**Keywords:** Anthropophagy. Desire. Difference. Education. Creation

### 1ª DENTIÇÃO: CANIBALISMO PRIMITIVO

Ícone do pensamento selvagem e fonte luminosa dos muitos relatos quinhentistas de viajantes europeus às terras ameríndias da época das Grandes Navegações (Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, Robinson Crusoe, Hans Staden, André Thevet, Jean de Léry), o antropófago do passado encontra suas raízes fincadas no canibalismo primitivo, cujo surgimento liga-se à simbologia misturada do mundo mítico dos índios Caraíbas das Pequenas Antilhas do Caribe e dos Tupinambás do Brasil – para os quais o ritual de devoração do inimigo guerreiro vencido e capturado constitui, duplamente, o ato de expiação dos males da tribo (morte) e a revigoração de suas forças pela assimilação das virtudes guerreiras (deglutição).

Em sua acepção primitiva, o canibalismo pode ser equiparado a um tipo de “máquina social” marcante em grupamentos humanos considerados primitivos. No *Anti-Édipo* (1976), Deleuze e Guattari utilizam essa expressão para situar o canibalismo como uma “máquina territorial primitiva”, que codifica os fluxos do desejo e marca o corpo do indivíduo como memória de inscrição em um determinado

*socius* (cultura, sociedade). Espalhado por geografias nômades ou sedimentadas, o canibalismo é uma máquina social que funciona por toda parte, com seus fluxos e paragens, acoplamentos e cortes descontínuos.

O motor dessa máquina é a terra. Sempre que está em funcionamento, impossível que alguma coisa não se produza: efeitos de máquinas. Grandes e pequenas máquinas, eis o que somos: “máquinas de máquinas”, nervo e coração. Em seu funcionamento, “uma máquina-órgão liga-se numa máquina-fonte: uma emite um fluxo que a outra corta” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 15). É aí que tudo começa, é aí que tudo termina. Decomposição das formas. De um organismo biológico o indivíduo se torna um corpo pleno social: coletividade de corpos sem órgãos.

Nessa máquina primitiva de inscrição, os órgãos se aferram, atraem-se, repelem-se, segundo uma ordem de investimentos coletivos e conforme as exigências que emanam dos fluxos conjugados de desejo. “Tatuar, excitar, incisar, recortar, escarificar, mutilar, cercar, iniciar” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 183). Tem-se aqui uma operação gráfica por excelência que toma o próprio corpo como superfície de inscrição social e nele grafa um “terrível alfabeto” que não cessa de disseminar signos por todo o corpo.

Conquanto, contrariando os relatos de antigos viajantes que acusam o canibalismo de ser um ritual primitivo com conseqüências meramente mortíferas, consideramos essa máquina como um recurso primitivo que instaura um sistema gráfico de signos no corpo social, vindo a ser “um geografismo, uma geografia” social (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 238). O canibalismo opera por força de desejos cujos fluxos descontínuos recortam o território do corpo “em plena carne” (diria Artaud). Ele é a marca de inscrição selvagem de uma cultura, cujo primeiro movimento consiste em arar os corpos dos indivíduos para a coletividade e simultaneamente fixar-se neles como território de cultura, como memória social. Em suma, o canibalismo é uma máquina social produtiva que codifica os fluxos de desejo e signos em benefício de um *socius*, de uma coletividade (e não um mal de egoísmo saído do apetite famigerado de cada um, como para os viajantes).

Entre os Tupinambás, considerados os povos indígenas mais selvagens devoradores de gente encontrados em terras brasileiras, o ritual antropofágico jamais se limitou ao deleite exclusivo e imediato do apetite da carne, o que contraria algumas máximas sensacionalistas de Hans Staden estampadas no Manifesto Antropófago de 1928: “lá vem a nossa comida pulando!”, “como era gostoso o meu francês!”. Em muitos casos é sabido que o cativo se estendia por meses ou até anos, primando pela integridade do prisioneiro e pela devoção do rito a Tupã, seu ser supremo. O

favorecimento dos laços sociais por meio da antropofagia entre os Tupinambás sinalizou a recriação constante das relações de intercâmbio que se mantinha com o outro cultural, por meio da captura e da devoração do inimigo vencido. A antropofagia Tupinambá assegurou positividade à vida social, muito embora o canibalismo dos povos indígenas brasileiros tivesse sido representado por muitos relatos de colonização tão-somente como um doloroso nó de nossa cultura e o calcanhar de Aquiles do pensamento religioso ocidental, o que justificaria tamanha atrocidade e atentado a sua permanência.

Na base do funcionamento do canibalismo como máquina primitiva, não podemos afirmar que exista a culpa, a vingança ou o ressentimento como premissas (a “má consciência” não cresce nesse terreno – nos lembra Nietzsche). Nela, o infrator é um “causador de danos” e não um indivíduo culpado (no qual se faria proliferar o ressentimento e a má consciência). Ele é “um irresponsável fragmento do destino” (NIETZSCHE, 1998, p. 71), sobre o qual se abate o mais duro castigo e expiação (tendo em vista que a inscrição em seu corpo falhou). Ele é uma espécie de “aflição interior” trazida pela irrupção de algo imprevisível. Ele é “um terrível evento natural, a queda de um bloco de granito contra o qual não há luta” (NIETZSCHE, 1998, p. 71).

O corpo do indivíduo terrificado nesse sistema gráfico não é primeiramente moral ou consciencioso, pelo contrário, é um corpo plenamente místico, encantado, mágico, fantástico, uma quase-causa e produção de tudo, isto é, nele se inscreve o fetiche do ritual e a partir dele se efetiva o objetivo da inscrição. E a justiça primitiva funciona mais ou menos desse modo: a máquina-olho retira da máquina-corpo uma mais-valia, que compensa a relação rompida entre as partes, e devolve ao *socius* a máquina-inscrição como marca daquilo que penetrou suficientemente no corpo castigado.

Dada a localização histórico-geográfica do canibalismo remontado a um passado longínquo da humanidade como memória de inscrição, podemos interrogar, para fins desse estudo: Por que será que ainda hoje se busca reconstruir uma gênese dessa máquina-antropofágica? Já não se falou o suficiente a seu respeito? Já não está dito em todas as línguas que o homem é esse vergonhoso, pérfido, vulgar, mesquinho, venenoso e enraivecido animal subterrâneo: limiar corrosivo de nossa existência? O que haveria ainda a acrescentar ao “já dito” desses discursos? O que significa perfazer o caminho de nossos ancestrais? Reabilitar o conceito de antropofagia?

Talvez. Significa ao menos apostar na possibilidade de alguma *transfiguração* do peso e da dor que sobrecarrega a verdade desses discursos. Porque se acredita que não foi por inércia (o simples deixar correr) que nos tornamos esse pequeno animal domesticado e afugentado no ninho; que foi preciso uma vontade ainda maior (um querer comer), um orgulho ainda maior, um intelecto ainda

maior, um engenho de tramas e ideias ainda maior para chegarmos a isto que afinal nos tornamos: –? Mais ainda: que foi por um movimento brusco e áspero, violento e frenético, impiedoso e delirante, e igualmente, alegre e jovial, rebelde e criador que fomos arremessados para os confins da nossa existência, para fora do nosso ninho, do nosso “em casa”, de nós mesmos. Jamais por inércia. Antes, por agitação. Por ela é que somos desterrados – como num terremoto – de nosso quase-sempre-lugar-comum. Pois é assim que a antropofagia nos chega: como um espectro selvagem e imperioso ela nos assalta e nos intriga, arrebatada e sacode os sentidos em direção a algum anseio, a um ir adiante, sempre, aonde for, a todo custo.

Ousamos dizer, neste texto, que a antropofagia como ideia motivadora de produção da diferença no campo da educação é a geografia propícia ao deleite do pensamento e à profusão anárquica da criação. Nela, os corpos se confluem em nudez desmedida e de tal modo que as altas temperaturas condensam, em um só clímax, a inocência e a aspereza da matéria, sem jamais subtraí-la uma à outra. Por sua prática deglutimos o apetitoso universo educacional, movidos por uma força desejante avassaladora: a devoração.

Antropofagia! Uma paixão e um desejo que nos liga ao corpo de outrem como que por nutrição ou transubstanciação, no divino momento em que o ser é aniquilado. Um orbe que de tão antigo nem por isso deixou de ser ele mesmo indeterminado. Uma ambiência incomum, ao mesmo tempo vertiginosa e convidativa, para a qual todos são impelidos a povoar. Um cenário que por mais que incansavelmente visto, não cessa de nos convocar a todos para nele atuarmos (seja como vítimas seja como algozes), pois é desde a natureza mais íntima em todo o homem que esse princípio nos chega ferozmente.

Nas rotas desse universo antropofágico, buscamos remexer o passado, não com o intuito de “descobrir” uma verdade a todo custo, pois não é de uma obsessão pela verdade, um amor incondicional à verdade que se trata (a propósito, sobre esse *mau gosto* e veneração pela verdade, Nietzsche incansavelmente alertou: “já não cremos que a verdade continue verdade, quando se lhe tira o véu...” [NIETZSCHE, 2001, p. 15]). Inversamente, buscamos revisitar o passado com os olhos saltados para o presente: remexer o homem, a moral, a educação e a cultura em seus aspectos mais recônditos, extrair desse *mundus novus* que flameja ao longe e inflama os sentidos algum ponto de vista inovador que nos diga respeito como marca e inscrição.

Escavando o passado recente de nossa história, encontramos um modo distinto de conceber o canibalismo. Diferentemente do primitivismo europeu, cujo exotismo etnográfico fez circular uma visão não menos negativista e espetaculosa do canibalismo ameríndio, a “descida antropófaga” dos modernistas brasileiros de 1920 (liderados especialmente por Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Tarsila do Amaral) buscou instituir um novo *ethos* ao pensamento selvagem, com a “reabilitação do primitivo” e seu sólido conceito de antropofagia – *a vida como devoração*. O Modernismo brasileiro projetou a imagem do canibal como emblema da renovação artístico-literária no século XX, com seu movimento de produção da diferença e criação do novo e sua técnica de criação devoradora do outro cultural, e reabilitou o pensamento selvagem como estratégia de demolição dos discursos gastos e hipócritas da colonização antiga.

Sob esse registro, a antropofagia reabilita as fontes selvagens do canibalismo primitivo em seu movimento de resistência cultural à imposição europeia e se projeta contra o academicismo instituído no Brasil império (como no episódio “Carta pras Icamiabas”, de Mário de Andrade (ANDRADE, 1928, capítulo IX). Despeja a sua sátira aos padrões da norma culta do português antigo e se abre para a fluidez e diferenciação da língua falada brasileira, como em *Macunaíma*: “Os muitos erros que comete ao se exprimir numa linguagem que não é a sua denunciam assimilação canhestra duma escrita estranha para se fazer passar por aquilo que ele não é” (SCHÜLER, 1998).

No confronto entre o nacional e o estrangeiro, Mário de Andrade potencializa a sua “gramatiquinha”, uma quase disglossia entre o modo de escrever seguindo a gramática normativa e o modo de falar corriqueiro das pessoas, desvinculando o português do Brasil do de Portugal. Oswald de Andrade, por sua vez, intensificou essa distinção em sua poesia nos fatos: “a língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (ANDRADE, 1925, p. 20). Exemplo dessa rebeldia se expressa nas *Pronominais*: “Dê-me um cigarro diz a gramática do professor e do aluno e do mulato sabido. Mas o bom negro e o bom branco da Nação Brasileira dizem todos os dias ‘deixa disso camarada Me dá um cigarro’” (ANDRADE, 1925, p. 77-8).

Defendendo a tese de que no canibalismo nunca se come por apetite gratuito, escassez de alimento ou necessidade de nutrição, mas sim para revigorar no indivíduo as qualidades assimiladas do inimigo ou outro cultural, o Movimento Modernista não apenas atualiza o radical selvagem do canibalismo primitivo (através da incorporação de novas técnicas de composição da moderna sociedade industrial), como também inverte a lógica colonial de dominação europeia, expressando de

diferentes modos a sua “arte vanguardista” e a hipótese de que a cultura brasileira é mais forte que a colonização europeia, sendo capaz de abrigar a todos que a ela buscam. “Porque a mesma terra é tal/E tão favorável aos que vão buscar/Que a todos agasalha e convida” (ANDRADE, 1925, p. 26).

Eis o feito: Descobrimos o Brasil! O acontecimento não tardou aparecer. Em uma tarde de 1924, Oswald subiu no alto da Torre Eiffel e de lá gritou aos quatro cantos: *A nossa antropofagia!* “Seguimos nosso caminho por este mar de longe/Até a oitava da Páscoa/Topamos aves/E houvermos vista de terra” (ANDRADE, 1925, canibalizando Caminha, *A descoberta*). De lá avistou a terra Brasil, a nossa terra, o nosso orgulho, a nossa devoção. Depois foi até o alto de um atelier da Place Clichy na Paris de 1924, e gritou: O Brasil existe! (Momento em que escreveu o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, concomitante ao *Manifesto do Surrealismo*, de André Breton, seguido do Movimento Dadaísta europeu do pós-guerra em seu escárnio às formas cultas e convencionais da arte, algumas de suas influências).

Ali, deslumbrado, Oswald descobriu a sua própria terra, tendo os olhos voltados para os trópicos e para uma arte que viria a ser a alta expressão da “arte vanguardista brasileira”, digna de exportação. Apercebeu-se finalmente de que o Brasil e toda a sua multiplicidade cultural, desde as variadas culturas autóctones indígenas, a cultura negra, entre outras subjugadas pelos europeus, continham em germe a força que faria proliferar a arte futura e renovar as letras e as artes. “Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. A riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança” (ANDRADE, 1924).

Descobrimos o canibal! O *nosso* canibal, irreverente, folclorista. E quem disse que o canibal não é nosso? Que ele é de vocês? Bobagem. Que importa? Não há motivos para brigas ou disputas por posse ou território, se, como sabemos, a antropofagia está no ar e nos cipós melindrosos de nossa floresta e por tudo. Desde o início, “a imagem do canibal estava no ar. (...) Essa imagem, que a nenhum autor pertenceu, fez parte de repertório comum a todos, e a todos serviu, de acordo com as intenções específicas de cada um” (NUNES, 1979, p. 15). Então calculemos: é justo que essa imagem não pertença a ninguém. Domínio público! Assim todos podem usufruir dela livremente. E façamos dela a melhor das apropriações: a *nosssa* antropofagia! E façamos dela um pensamento selvagem, antinormativo, crítico, afirmativo: a nossa arte, a nossa rebeldia. Reabilitemos a nossa estirpe animal, e sob o funcionamento dessa nova *maquinaria-antropofágica* façamos a arte do presente, potência do pensar, do agir, do fabular.

Na antropofagia modernista é o tupiniquim brasileiro quem come o europeu em seu banquete antropofágico. Sua arte consiste em devorar o outro (cultura estrangeira) com extremo apetite,

ingerindo dele o que há de substancial em força, virtude, sabedoria, bravura, vitalidade, etc., a fim de torná-lo parte de sua carne (cultura nacional). Tal é a dinâmica do movimento que produz a diferença: transmutação do outro e de si, criação da nova arte.

A devoração como desejo, entendida como um movimento propulsor do vitalismo primitivo assume, sob esse registro, um pressuposto contrário às impressões sanguinárias dos conquistadores europeus. Diferentemente da literatura quinhentista (religiosa), a antropofagia primitiva não promove a derradeira morte, mas sim a celebração da vida. Seu lema consiste no *fortalecimento da carne e do espírito em favor da nova vida*. Diria (talvez contrariando Lévi-Strauss e Foucault, para quem a proibição do par antropofagia-incesto é a condição de surgimento das culturas humanas civilizadas) que a antropofagia é a cadeia das relações desejanteres que mantêm as sociedades vivas, o pensamento ativo e inacabado.

A mais rebelde das antropofagias corresponde, na acepção de Oswald, a um “batismo purificador” (pagão) de mergulho no passado, tendo os olhos saltados para a arte futura, arte que fez do Brasil uma terra de encantamentos sem fim. Em suas palavras, “a antropofagia é o culto à estética instrutiva da terra nova. É a redução a cacos dos ídolos importados para ascensão dos totens raciais. É a própria terra da América filtrando, expressando através dos temperamentos vassallos dos seus artistas” (ANDRADE, 1928, 1ª denteção).

O conceito de *devoração* aqui utilizado assume contornos bem diferentes da cena clássica cultural: devora-se não a figura concreta (outro, o indivíduo da cultura), mas sim outrem (uma perspectiva, um ponto de vista) – para falar em termos deleuzianos –, ou seja, devora-se o mundo e seus possíveis, seus valores, suas regras, suas estruturas, sua psicologia. A devoração, nesses termos, é potência desejanter de ação e não o resultado compulsivo da deglutição, em que se almeja apenas nutrir o organismo.

Afirmar a vida como devoração implica em consolidar a relação escancarada do homem com a comida, a bebida, o coito, a dança, etc., tal como aparece inscrito no princípio antropofágico: “a alegria é a prova dos nove” (ANDRADE, 1928, p. 3). O conceito de devoração como desejo (e não ritual simbólico de sublimação, ao modo cristão) vai além da mera necessidade de deglutição do alimento (cultura, pensamento, obra, autor), a fim de nutrir o próprio organismo: Em sua rebeldia do conceito, a devoração aniquila toda forma de organismo ou organização, movida por um apetite impetuoso pela vida, pela criação. Podemos dizer, enfim, que o movimento da devoração implica em desejar mais do

que deglutir, ter fome mais do que nutrir. *Devoração* – lema antropofágico por excelência e lei maior do pensamento selvagem.

*Eia! Antropófagos!* Que é tempo de reabilitar a antropofagia! Elevar o canibal tupiniquim à categoria de gozador, escarnecedor, zombeteiro, burlesco, mofador. É hora da apropriação virulenta do que não é seu, para torná-lo arte, oficina, liceu. É hora de transformar a fome em rebeldia, a dor em alegria. Festa, fuxico, orgia. Canibalizar o europeu aqui aportado com pompa e fidalguia. Reviver a cena primitiva com os artificios que ele nos ensinou um dia: o roubo indevido de nossa selvageria. E se com armas e espelhos fomos despidos na sacristia, lutemos com as mesmas armas e espelhos para dissimular a nossa ingênua sabedoria. A lição nós bem aprendemos: “Os padres viram que o tal cristão quando voltava para umas vezes não trazia mais chapéu, outras o capote, outras os calções e outras o gibão” (ANDRADE, 1933, canibalizando Montoya, *A conquista espiritual*).

*Eia! Antropófagos!* Que somos todos selvagens por irreverência e zombaria! Façamos desta alegria o motor da nossa arte, celeiro de muita cria. E sob o Signo de Eros gozemos a mais pérfida orgia. Ah, e “se Pedro Segundo/Vier aqui/Com história/Eu boto ele na cadeia” (ANDRADE, 1925, p. 41). Ficamos loucos ou o quê? D. Manuel e D. Pedro II hão de estremecer de desgosto. Onde já se viu afrontar os patrícios e a corte dos ricos com essa de rebeldia! Pois sim. É isso mesmo. Chega de “enlatados” e comerciais de margarina estampando a doce face fraterna dos filhos do “fico”. Não isso, não mais. Já comemos o suficiente até adquirirmos esse estômago enojado, essa má digestão. Queremos carne! Carne nas ideias, ideias na carne!

Pela devoração de todos os valores! Devorar o incauto, saborear à custa de muita fome e ardentes temperos. Queremos chamar de “nossa” a gostosa, quente, boa comida. Comida ardente extraída das matas virgens de nossas florestas. Tucupi. Tacacá. Palavras com sabor e saber e cheiro regionais. E sem saudosismos do tipo: “ah, como era gostoso o meu francês!” A isso digo, passa! Queremos algo maior, o nosso orgulho, a nossa devoção, e também algo menor, um pouco de sabedoria e muito de adivinhação. “Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem *meeting* cultural. Práticos. Experimentais. Poetas” (ANDRADE, 1924). Simplesmente *bárbaros*. Cada qual com o seu bocado, meu filho!



### 3ª DENTIÇÃO: EDUCAÇÃO ANTROPOFÁGICA

*A antropofagia está no ar!*

Como uma onda, ela nos capta e nos lança para um limiar trágico da vida. Como uma tempestade, ela nos arrasa e destitui nossos antigos territórios de certeza acerca de nós mesmos. Como uma atmosfera rarefeita, ela nos comprime ao corpo do animal que em nós grudou para nunca se afastar. Como uma geografia da carne, ela inscreve na memória de nossos corpos as marcas dessa temível condição que a todo custo procuramos limar, mas da qual jamais podemos nos livrar. Como uma geografia do espírito, ela nos marca com o sinal da selvageria de um desejo que não está em nenhum lugar (posto que não é essência), mas que já tendo se concretizado em nosso meio certamente ocupa algum lugar.

Não tem jeito. Desde que o mundo é mundo, e desde que o homem é esse animal que se moralizou a duras custas, migramos pelo mundo desesperados: atravessamos desertos, habitamos cumes e montanhas, mergulhamos no infinito dos mares, planamos a esmo por entre as linhas do horizonte, procurando aportar a nossa humanidade em um lugar o mais seguro ou o mais distante possível do espectro bestial que nos acompanha desde a natureza como um temível duplo. Antropofagia! Por causa dela a humanidade está sempre em apuros ou por um fio...

*Eia! Antropófagos! Para fora, espíritos gravíticos e acabrunhados! Que a antropofagia é o nosso maior legado! Ela é desejo que transborda a natureza sempre que nos pomos a criar, a inventar uma nova cultura. Ela é o nosso instinto primitivo – o instinto caraíba –, senhor da rebelião de nossa gente. Ela é o ímpeto devorador de uma vontade que nos eleva e nos revigora, corpo e espírito. Ela é a vívida condição de uma força que nos move por inteiro, e por isso é condição de vida e criação.*

*Eia! Antropófagos! Por artifícios inventivos da imaginação projetamos a cena antropofágica. De longe, ou sabe-se lá de onde, aproxima-se uma melodia primitiva em tom de saudação: *Catiti Catiti/Imara Notiá/Notiá Imara/Ipeju*. Um ritornelo musical. A cantoria mais parece uma saudação ancestral recém-chegada por todos os lados. Vozes espectrais entoam a melodia que deflagra um ritual canibalesco em vias de se fazer. Convulsionadas em êxtase tupiniquim, elas se mesclam e se espalham por todos os espaços, contagiadas pela euforia dos batuques e das canções vindas de um passado ainda mais presente. *Pau-Brasil*. Banquete dos deuses? Talvez. Isto mais parece uma espécie de autofagia. Oswald, Mário, Anita, Tarsila, Raul e muitos outros. Sim, aqui estão eles (é sentido!) a devorar a sua própria obra.*

Antropófagos são eles. *Espíritos livres* ou “valentes confrades fantasmas, com os quais proseamos e rimos, quando disso temos vontade, e que mandamos para o inferno, quando se tornam entidades” (NIETZSCHE, 2000b, p. 9). São eles, esses confrades do passado, que mantêm a alma alegre e jovial sempre que um mal quer se abater, impiedoso. Mas o que querem, afinal, com a sua arte? Acaso restituir no presente (e para sempre) a cena primitiva nos mesmos moldes criados pela euforia do Movimento que a iniciou? Talvez não. Talvez revigorar a antropofagia. É isso! Uma antropofagia revigorada! A melhor das antropofagias exercida contra si mesma e expressa pela boca dos mais aptos intérpretes em linguagem teatral (bem ao modo artaudiano). Palavras, frases, máximas, elipses, intervalos... Tudo compõe o revigorado cardápio literário da deglutição. Festa da devoração! Páginas e páginas de um *Manifesto* mais do que atual devoradas ao sabor da música e da poesia. *Pau-Brasil*.

*Catiti Catiti/Imara Notiá/Notiá Imara/Ipeju*. A música rapidamente contagia a todos. Mais que uma melodia primitiva, ela é exortação. Exortação ao amor! Exortação aos primitivos! “*Lua Nova, ó Lua Nova, assopra em Fulano lembranças de mim*” (*O Selvagem*, de Couto Magalhães). Lua nova, ó Lua Nova, eis-me aqui. Tu vens até mim? Eu sou o teu *Sim!* Somos todos antropófagos. Filhos de Rudá e Guaraci, e também de Tupã e Cairé. Somos todos viventes, sobreviventes. *Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil*. Que importa! Fizemos foi carnaval. Fizemos os Gracos correrem com os seus amarelados manuais livrescos. Não comemos enlatados! Temos sangue quente correndo nas veias. Ímpeto devorador! Impossível vivermos sem esse desejo que nos sacode desde dentro.

A cena antropofágica. Com ou sem efusão de sangue, ela se desenrola. E como expressá-la senão por esta imagem cara a Oswald: “A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal, onde anda todo o presente” (ANDRADE, 1924). Mais que isso. A cena parece sugerir um verdadeiro convite à devoração. Crueldade, carnificina não há. Derramamento de sangue, espetos de corpos no moquém também não. Não, de certo modo. Pois, qual antropofagia não implica necessariamente em um corte sangrento na natureza das formas a serem devoradas? E qual antropofagia não rebenta e não deforma aquilo tudo que já se deu por consumado?

Da cena saltam corpos e desejos ardentes, uma arte que se faz com pureza e despudor. Seios e bocas, ventres e coxas ao sabor da tentação. Despídos ou cobertos, é impossível vê-los com alguma clareza, pois há um véu de ambiguidade que os recobre. Puros ou depravados, selvagens ou domesticados, inocentes ou culpados. Não importa. Eles, os antropófagos, são rebeldes por convicção.

No passado, correram mundo e ousaram misturar as águas quentes e frias do planeta; deflagraram com sua luz e sombra um jogo de verdades e mentiras, de exaltação e exclusão, de conceitos e preconceitos; potencializaram a polêmica discussão sobre a dupla natureza das coisas. Mas o que será este antropófago: um animal que enlouqueceu ou um humano que caiu? Não importa a origem. Somos todos bárbaros, selvagens, domesticados, rebeldes, pitorescos e meigos. Antropófagos, por excelência!

O recurso ao passado faz ressurgir antropófagos de outros tempos. Espectros malditos, de procedência incomum à cena primitiva dos relatos universais (mas intimamente envolvidos com a feitura de suas histórias). Antropófagos que viveram em épocas e lugares diferentes, com (des)propósitos de vida ou temperamentos diferentes, porém, em comum partilham o gosto por uma vida perigosa e pervertida, regada a orvalho e a enxofre, a desejo e a vertigem, a rebeldia e a lassidão. Eis que se aproximam! Sade, Nietzsche, Artaud. Aqui estão eles a tumultuar a feitura do festim antropofágico.

Os participantes do ritual saúdam em uníssono os confrades recém-chegados, porém com alguma cautela. Sabem os modernos anfitriões, por algum ouvir dizer, que se trata de antropófagos malditos, portadores de uma anarquia insurreta e belicosa. Sabem, pois, que por causa de suas extravagâncias e perversões muitas vezes eles tiveram de selar o seu destino com o “beijo da morte” (LAWRENCE, 1990, p. 26). Mas que importa! No país da cobra-grande quem não é cobra? *Entrez, s'il vous plaît!* (A euforia se restabelece). Somos um único caldeirão antropofágico! Somos os confrades da alegria! Os que elevam a sua máxima potência a força de um viver como arte e devoração! Impiedosos, devoramos o mundo todo, todo o organismo social, com seus órgãos e funções, suas leis e normas. Subvertemos os modelos sociais estabelecidos por uma moral do “bem viver” e devolvemos, nauseados, imagens dogmáticas do pensamento que nos impedem de voar livremente.

Protagonistas de um viver antropofágico, os espíritos livres dão de ombros às convenções de seu tempo e restabelecem a sua ligação vital com o cosmos. E já entoam novamente o seu canto de louvor. *Catiti Catiti...* “Há coisas no ar.../Digamos que seja a lua nova//luminando o canal/Seria verde se fosse o caso/Mas estão mortas todas as esperanças/Sou um canal” (PAGU, *Canal*, 2002). Eis que dançam, os nebulosos espectros. Malvistas, não podem ter a fisionomia de seus rostos turvos destacada. Seriam personagens ou heterônimos? Impossível saber. “Acrobatas de um malabarismo perpétuo, eles bifurcam, instalam-se na própria diferença” (CORAZZA, 2006, p. 105). São eles o duplo desvio da diferença. É como *tigres* ou *diabos* que eles renascem frequentemente, e é como potência diabólica que eles impedem uns aos outros de terem um rosto notável e para sempre.

Mas o que será isto? Uma antropofagia do desejo, física e espiritual, aos moldes de uma anarquia escancarada? Uma antropofagia da perversão, que instaura o sentido da barbárie como transgressão da salvaguarda do homem civilizado, seguro em sua natureza? Uma antropofagia das forças (ou do devir), na qual o apetite pela vida, a devoração e a renovação de toda uma vida não acontecem sem antes arrebentar as linhas de morte do desejo que impedem o pensamento de se lançar à vertigem da criação? Uma antropofagia das forças cósmicas, que tem o desejo e a anarquia como princípios, o rito e a veneração aos mitos como cumplicidade, e a dupla natureza das forças (generosidade/crueldade, pureza/lascívia, amor/ódio, masculino/feminino, consciência/perversão) como ambivalências inseparáveis?

O pensamento antropofágico quando se faz força, não cessa de interrogar: “Quando foi que a vida, a nossa vida, foi afetada por esses sistemas [filosóficos] de pensamento?” (ARTAUD, 1999, p. 2). Quando foi que sentimos apetite, desejo, gana em frente de alguma coisa (pensamento, autor, obra, conceito, etc.)? Quando foi que fizemos da educação um impulso vital da criação, um ato transgressor de ideias e sonhos e não um anseio pela ingestão de modelos e formas já estabelecidas? Quando foi que fizemos dos nossos atos não um sonho projetado ao longe, mas um impulso vital do qual partimos? Quando foi que nos fizemos contaminar pela selvageria que habita o subterrâneo de todo ser? Quando foi que fizemos da vida uma intensidade regada a orvalho e a enxofre, à alegria e à lassidão? Quando foi, enfim? Quando foi...

Apetite pela vida! Apetite por *um sopro de vida!* (celebra Artaud). É isto o que nos faz viver e criar! Antropofagia do desejo! Uma força devoradora, um movimento selvagem, do mundo e da vida, em que a força de comer, sentir fome, degustar o alimento, deleitar-se em fetiche é mais importante do que a ingestão imediata do alimento a fim de saciar o organismo. “Em jejum, na mesa do “Café Guarany”,/O poeta antropófago rima e metrifica o amorzinho de sua vida./Ele tem saudades de ti./Ele quer chamar “ti” de: estranha – voluptuosa – linda querida./Ele chama “ti” de: gostosa – quente – boa comida.” Bem lembrado, Almeida! Mais vale um corpo faminto e sedento de criação, do que um corpo saciado e paralisado na inovação. “Que ironia! O poder é pançudo, mas triste. A rebeldia é magra, mas alegre” (TADEU, 2006). É que a “frágil saúde” é ativa e produtora de espasmos de criação (interrompe Nietzsche), enquanto que a “gorda saúde” é sedentária e imobilizadora, contenta-se com os manuais de sobrevivência acadêmica.

Pensar pelo modo pergunta-problema (apetite, devoração) e não pelo modo resposta-solução (ingestão das formas). É disso que se trata, caros confrades! Sim, mais vale um pensamento perplexo

do que um pensamento apaziguado, um pensamento faminto do que um pensamento saciado. Importante é não desperdiçar a força de ter fome com o comer imediato e sem apetite. Não fazer dessa força viva, que é o desejo, uma preocupação grosseiramente digestiva em prol de si mesmo.

Ruminar é preciso! (celebra Nietzsche). Ruminar os pensamentos, as ações, o dia e a noite. De boca aberta, degustar e sentir fome pelo que se fez e pelo que ainda não se fez. De olhos abertos, elevar os pensamentos à prova do alto e do baixo, com leveza e gravidade. Espreitar os pensamentos e, junto deles, seus atos de bravura e coragem, de fraqueza e lassidão. “Ruminando, eu me pergunto, paciente como uma vaca: quais foram, afinal, as dez vitórias sobre mim mesmo?” (NIETZSCHE, 2000a, p. 55). O importante é manter os olhos, a boca e os ouvidos apurados, “juntar o libertino com o libertário, o desejo com a rebeldia” (TADEU, 2006), deixar o pensamento alçar voos mirabolantes em suas rajadas de criação. Romper a comodidade do pensamento para tocar na vida lá onde ela é mais sensível e fazê-la fremir e delirar até que eventualmente nasça aquilo que ainda não nasceu, mas que pode vir a nascer dessa inusitada agitação.

*Eia! Antropófagos!* Então celebremos a melhor das antropofagias! (agitam-se em euforia os espectros agora em uníssono). A devoração devolve a alegria aos que não sabem e descobrem. Mais que isso. A antropofagia descobre a felicidade. Ela cria a amizade e eleva o instinto de sexualidade – declara guerra aos tabus. E aqui está o seu lema: – “*A alegria é a prova dos nove*”. Devorar por gosto, apetite, desejo, disposição. Recriar com entusiasmo, orgulho, veneração. A Poesia Pau-Brasil. A poesia ágil e cândida, inocente e maliciosa, bárbara e delicada, como uma criança. Uma celebração por excesso. Tudo muito: música dança desejo bebida comida poesia alegria gritaria. Anarquia entornada de um caldo que é pura perdição. *Um misto de nana nenê que o bicho vai pegá*, diria Oswald.

É a festa dos trópicos no Matriarcado de Pindorama! Clima quente, bebida quente, sangue quente, desejo ardente. “O selvagem devorando a catequese”. *Pau-Brasil*. O maior dos sonhos já sonhado – independência cultural. Terra de temperamentos insubordinados, de artistas desarvorados filtrando a arte ameríndia de todo o resto. *Pau-Brasil*. E pensar que são anos e anos de desprezo e indiferença a tudo isso! (eh! eh!). Agora não vale lamentar. Nada de tristezas ou ressentimentos. O que passou, passou. Vamos em frente! *Eia! Alegria, força, vitalidade é tudo o que precisamos*. Tiramos a *prova dos nove*: extraímos do sofrimento a *alegria* em júbilo de criação. Nobre lição: “o contentamento nunca é excessivo, mas sempre bom, enquanto, inversamente, a melancolia é sempre má” (SPINOZA, 2007, p. 315).

*Eia! Antropófagos!* Fazemos da devoração uma festa. A festa da criação. Não uma apologia à violência, um elogio à morte, mas sim, o anúncio da boa arte, afirmação da vida. Celebremos a alegria, a arte necessária com que se escreve o presente. *Pau-Brasil*. Abram-alias aos confrades do amanhã! Anunciem o novo, destituam a novidade e a refaçam, sempre e a cada vez. Aqui estão eles, os antropófagos dos novos tempos, ocupando outros espaços, esbanjando euforia rebeldia poesia anarquia melodia. *Catiti Catiti...* Ecos de um passado não tão distante. Arca da perdição. Arca da criação. Autofagia das ideias. É a antropofagia se fazendo de novo. Pensamento se fazendo novo. Pensamento se fazendo novo de novo. Movimento infinito da criação!

– *O Brasil da exportação!* (a embriaguez retorna). Queremos a melhor das poesias. A Poesia Pau-Brasil. A poesia tilintando por todos os cantos. *Eh, Eh!* Devagar, camaradas! Que ainda não se inventou uma máquina de fazer versos! Que o esforço natural nesse sentido é ainda insuficiente para subverter a gramática por inteiro! Então, recomeçemos. – *O Brasil da exportação!* Pela descoberta da surpresa da invenção e contra todos os importadores de consciência enlatada! Não queremos uma antropofagia de faz-de-conta, a menor das antropofagias se refestelando com a simples imitação. Queremos uma antropofagia encarnada: o espírito na carne, carne no espírito. É que “o espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo”, relembra Oswald.

Abaixo as importações dos velhos manuais de sobrevivência acadêmica! Eles nos sufocam e nos engessam. Mais vale estourar os velhos “aprendimentos” que nada aprender. Exigimos como Nietzsche, *que nos cantem um canto novo*. Queremos uma antropofagia revigorada! (gritam as vozes em coro ainda mais exaltadas). Fazer do pensamento alcance da arte, da arte alcance do pensamento. E quem disse que não sabemos criar? (sussurram enfurecidas, agora em tom de batalha). Olhem ao redor e deslumbrem o universo caraíba da criação! A cantoria aumenta, a euforia toma conta geral e tudo volta a se alegrar. *Eia! Antropófagos!*

O instinto caraíba! Alegre, vivaz, entesado. É dele que nos vem esse ímpeto devorador. É ele o motor de nossa voracidade e criação. E aí está! O selvagem. Vestido de senador do Império esbanjando, exuberante, a sua nobreza e orgulho tupiniquim. Por meio dele ganhamos mundo nas artes, na literatura, na filosofia, na poesia, na vida pública. – *Queremos a Revolução Caraíba!* Ascensão de todos os totens raciais. Queremos mais que a assimilação mecânica dos ideais livrescos da “boa” educação ditados por uma civilização longínqua aqui aportada. Queremos uma subversão, uma reviravolta em um tipo de educação. Pela transgressão de nossa própria educação! Não queremos qualquer educação! Não queremos uma educação que procede por apatia e fastio de

aprender, ou que se refestela por “tudo” comer, tudo aprender, tudo saber nesse vasto e pesado universo do conhecimento.

Queremos uma educação como exercício radical do desejo! (desejo de aprender, potência de saber). Educação como subversão! Atitude transgressora da vida que torna manifesta à luz do dia o desejo mais audacioso da condição humana – a devoração. Educação como devoração! “devorar o que se lê or not escrever/that is the question” (CORAZZA, 2007, p. 3). Currículos e programas, conteúdos e objetivos, a fala douta e especializada devoradas ao sabor do desejo. Antigos territórios de caça deslocados ou mesmo desterritorializados nessa espécie de geografia paradoxal. *Educação antropofágica!* Uma educação aos moldes do canibalismo selvagem. Seu lema: *Só lhe interessa o que não é seu.* Lei do antropófago. Lei do desejo. Sentir fome pelo que não é seu, devorar outrem e seus possíveis, transmutando-os no que é seu. Devoração como desejo, apetite, ímpeto, rebeldia. Deglutição como gosto, sofisticação do paladar, transmutação do alimento em algo novo, suplemento necessário para a vida.

*Devoração e deglutição* – as duas bases de um mesmo plano antropofágico. Como na filosofia devastadora de Nietzsche, os dois lados de um martelo: simultaneamente cravar e arrancar: *criação-alegre* que é ao mesmo tempo *destruição-alegre*. Pela “carnavalização” de todos os valores! (retomam as vozes). Movimento de dança que requer leveza e desprendimento (corpo e espírito), assim como transmutação alegre do peso e da dor. E não teremos experimentado o sabor de uma criação-alegre enquanto vivermos à sombra de valores estabelecidos, enquanto não revigorarmos a educação que se faz por desgosto, obrigação e apatia, enquanto não abdicarmos de uma “vontade que quer o nada” em favor de um desejo que nos faz viver.

Antropofagia! Uma afirmação alegre, um *sim* à vida. Uma sonoridade vibrante que se espalha por uma onda de ruídos suaves, espantando a gravidade da vida e o peso da dor. Um canto de dança, uma música primitiva que por força da embriaguez transforma a vida num espírito que diz *sim*, que faz a vida vibrar e não ser sempre a mesma. – Bem lembrado Nietzsche! O maior inspirador de nossas raízes antropofágicas!

“Ó antropofagia de ideias. Ó rajadas e sacudidas que nos atingem pelas costas” (CORAZZA, 2006, p. 117). Avalanche de pensamentos que nos chega como um turbilhão, uma potência antropofágica do mundo, da vida. Nela, devorar-nutrir são as duas condições para um pensar antropofágico por excelência. Mas como alimentar esse desejo-devoração sem que ele se transforme em gula compulsiva e indigesta? Como fazer da educação um exercício de devoração-nutrição mais do

que propriamente um mero anseio pela ingestão de formas de conhecimento já estabelecidas? Como elevar o desejo (essa força viva e impetuosa) ao mais alto grau da criação? Momento da ebulição. Movimento em que é preciso plasticidade. Dobrar o corpo e o espírito, tornar o pensamento flexível o suficiente para alcançar o desconhecido que o arrebatava. Movimento de dança, composição, deformação, encontros e desencontros, entradas e saídas. Movimento que, como toda arte, exige extremo rigor e procedimentos apurados. Dança antropofágica! A mais primitiva e sedutora das danças é agora convite ao pensar.

Pela carnavalização da educação! (e o cortejo inicia a sua alegre retirada). Abram-alas para o voo rasante do gavião de penacho. Abram-alas para o grito estridente da seriquara quara quara! A floresta vem caminhando... Abra-se que eu quero passar! Animais, homens e árvores se curvando de tanta fome, *mastigando estalando entre roncos de ventres desatufados* – Cobra Norato. “A floresta e a escola”. *Pau-Brasil*. A floresta é a escola. Pau no Brasil. A poesia voando livre nos cipós melindrosos da sabedoria ameríndia. A poesia ágil e cândida como um curumim, filha de Guaraci e Tupã. A poesia nos fatos, entoava Oswald. A poesia nos pratos, degusta o selvagem. A poesia no ar e em tudo, celebram todos. A poesia nua e crua, nas ruas. A poesia envolvente e insinuante, nas donzelas. A poesia requintada e alinhada, nas meretrizes de fita amarela, sonhando à janela. A poesia de todas as cores, nas telas, tornada aquarela. *Poesia Pau-Brasil*.

– Somos uma Nação! Não precisamos de agregados! Ecos primitivistas ressoam por toda parte. – Somos a nossa própria matéria-prima: “A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil” (ANDRADE, 1924). Nenhuma fórmula em vista. Apenas uma lei: a *devoração*. Ver com os olhos livres, comer com os lábios molhados. Ver que “um quadro são linhas e cores. A estátuária são volumes sob a luz” (ANDRADE, 1924). Bater com os olhos nos “cilindros dos moinhos”, nas “turbinas elétricas”, nas “usinas produtoras”, nas “questões cambiais” para ver apenas isto: o que somos, o que nos tornamos – brasileiros de uma nova época. “Como Nietzsche, todos exigimos que nos cantem um canto novo” (PRADO, 1925, p. 8). Quanto maior a liberdade de espírito no cantar, maior a capacidade fisiológica do bem digerir.

Única luta do antropófago: pela subversão. Subverter a gramática, limar o arcaísmo das letras, sacolejar a língua douta que se traveste como “nossa”. Degustar a contribuição milionária de todos os erros. *Pau-Brasil*. A língua – como somos e como falamos – “natural e neológica”. Nenhuma fórmula para a invenção, nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. *Macunaíma* bem que tentou. Se aplicou. Quis fazer uma coleção das palavras feias de que gostava. “Palavras pra todas as



horas do dia, todos os dias do ano, todas as circunstâncias da vida e sentimentos humanos. Cada bocagem!” (ANDRADE, 2001, p. 56). Se esforçou. Foi por todas as línguas (as vivas e as mortas) – que estava estudando um bocado. Matutou matutou e resolveu: “– Deixe estar. – Ai! que preguiça!...”. Maior o esforço, maior a perturbação. Melhor não se esforçar. Custa nada se entregar.

É hora do desfecho. Abram-alas que eu quero passar! “A banda de clarins/Anuncia com os seus clangorosos sons/A aproximação do impetuoso cortejo” (ANDRADE, 1925, *Na avenida*, p. 64). Na comissão de frente, Oswald se alimenta da literatura de viagem e canibaliza as impressões dos que por aqui passaram, tornando-as matéria-prima da sua poesia. No porta-estandarte, Mário enaltece o folclorismo, o regionalismo e afronta os preceitos de pureza linguística. Nas alegorias, a arte moderna reabilita o sentido ritualístico da devoração primitiva, vertendo-a em devoração crítica e cultural: *Abaporu* – símbolo da deglutição da cultura estrangeira e musa do movimento que modernizou a nossa cultura. Conduzindo palmas, um pouco mais adiante, a poesia concreta, enxuta e geometrizada, a cabralina; o teatro-oficina, irreverente, sórdido e cruel a si mesmo, sem palco, sem lugar, só nervo e coração; a música tropicalista ainda mais antropofágica, rebelde, subversiva, corrosiva e anárquica aos valores burgueses. E o carnaval dessa viva herança estética se espicha madrugada a fora sempre mais... *Eia! Antropófagos!*

Então vamos! (a saída triunfal). Mais música, mais alegria, mais poesia, mais cantoria. Celebremos os tempos áureos! Cantemos a glória de nossa gente sem ultrajar sua rebeldia! “E pra acabar todos fizeram a festa juntos, comendo bom presunto e dançando um samba de arromba em que todas essas gentes se alegram com muitas pândegas liberdosas. Então tudo acabou se fazendo a vida real. E os macumbeiros, Macunaíma, Blaise Cendrars, Ascendo Ferreira, Raul Bopp, Antônio Bento, todos esses macumbeiros saíram na madrugada” (ANDRADE, 2001, p. 64).

*Eia! Antropófagos!* Que o mundo é pequeno demais para tantas bocas!

Devoremo-lo, pois!

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 32ª Ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2001.

ANDRADE, O. **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1924.

\_\_\_\_\_. **Pau Brasil**. Paris: Impresso pelo “Sans Pareil” de Paris, 1925.

\_\_\_\_\_. **Manifesto Antropófago**. Revista de Antropofagia (1ª denteição). Ano I, n. 1. Direção: Antonio de Alcântara Machado. São Paulo, 1928.

ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. Trad. de Teixeira Coelho. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORAZZA, S. **Artistagens: filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Manifesto** (della scirettura caniballe). Disponível em: <http://www.triplov.com/Filosofia/Sandra-Corazza/Manifesto/index.htm> (2007).

COSTA, O. A “descida” antropófaga. **Revista de Antropofagia** (1ª denteição). Ano I, n. 1. Direção: Antonio de Alcântara Machado. São Paulo, 1928.

COSTA, G. D. C. **Trilogia antropofágica: a educação como devoração**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. Curricularte: experimentações pós-críticas em educação. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, (no prelo).

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

KAFKA, F. **Um artista da fome/A construção**. Trad. e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAWRENCE, D. H. **Apocalipse, seguido de o homem que morreu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Ditirambos de diónisos – 2 e 4**. Edição bilíngüe. Versão: Manuela Sousa Marques. Lisboa: Guimarães Editores, 2000c.

NUNES, B. **Oswald canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, O. **Obras completas VI: do pau-brasil à antropofagia e às utopias**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PAGU, P. G. **Canal**. Poema publicado n’A Tribuna, Santos/SP (27-11-1960). Disponível: <http://www.pagu.com.br/obrasetextos/poema2.htm> (2002).

PRADO, P. Poesia Pau-Brasil. In: ANDRADE, O. **Pau Brasil**. Paris: Impresso pelo “Sans Pareil” de Paris, 1925, pp. 5-13.

SCHÜLER, D. **500 Anos de Brasil: Literatura da Conquista**. Disponível em: <http://www.schulers.com/donaldo/brasil500/> (1998).

SPINOZA, B. **Ética**. Edição bilíngüe: latim-português. Trad. e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TADEU, T. **Panfletinho**. [texto publicado em: <http://www.ziguezague.net> (2006)].

---

<sup>1</sup> Gilcilene Dias da Costa é professora efetiva da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Possui Doutorado em Educação, linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Atua nas áreas de Currículo, Didática, Linguagem. Desenvolve estudos no campo da Filosofia da Diferença e Educação com ênfase no pensamento de Nietzsche e Deleuze. Atualmente coordena o Projeto de Pesquisa: "Nietzsche-Deleuze e a perspectiva estética da educação", vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFPA.